# **ORTONA**

# **Capítulo 1 – O Cerco de Ortona: Sob a Bandeira do Medo**

Ortona, costa leste da Itália. 1942.

O sol desce atrás das colinas e a cidade mergulha em um silêncio que não é natural. Não é o silêncio do fim do dia, nem o das famílias recolhendo-se para jantar. É o silêncio da ocupação. O silêncio do medo.

As ruas estreitas, antes cheias de vida, agora são vigiadas por olhos estrangeiros. Soldados alemães patrulham cada esquina com fuzis nas mãos e botas que ressoam pelos paralelepípedos. Conversas acontecem apenas quando necessário. Cumprimentos foram substituídos por breves acenos. Confiança virou artigo de luxo.

Na praça central, uma bandeira nazista tremula no alto do prédio da prefeitura. É impossível ignorá-la. Ela domina o espaço, desafia quem passa e avisa que a cidade já não pertence aos italianos. Sob ela, soldados fumam, riem alto, empurram moradores para abrir caminho. Alguns até olham com desprezo. Outros já não olham nada – fizeram do ódio um hábito.

Mas nenhum deles inspira mais medo que o homem que comanda Ortona: **Oberst Heinrich Vogel**.

Alto, postura rígida, rosto marcado por uma cicatriz que atravessa a bochecha esquerda como um corte permanente. Os habitantes aprenderam rápido a temer sua presença. Ele não precisa levantar a voz para impor autoridade. Não precisa usar violência constante – basta dar a entender que, quando quiser, será pior do que qualquer um imagina.

Para Vogel, Ortona não é apenas uma posição estratégica. É um troféu. Uma marca de poder. Um exemplo para qualquer um que pense em resistir ao Terceiro Reich.

Dentro da prefeitura transformada em quartel, Vogel observa a cidade pela janela de seu escritório. Ele anota horários, controla rotas de patrulha, manda prender quem desperta suspeita. Não tolera vacilos. Não permite deslizes.

E, ainda assim… existe algo que ele não controla.

Um rumor. Um sussurro que nasce nos becos, nas igrejas, nos porões de vinícolas antigas. Um movimento que ainda não tem nome, mas que cresce. Ninguém fala nele abertamente. Mas todos sentem. Algo está mudando em Ortona.

Nas padarias, o pão começa a ser distribuído com pequenos bilhetes escondidos dentro das sacolas. Na velha alfaiataria, um lenço pendurado discretamente na porta indica quando é seguro entrar. No porto, três toques de sino à noite significam apenas uma coisa: **alguém está se organizando**.

Por enquanto, é apenas esperança. Esperança escondida, sufocada, clandestina. Mas ninguém consegue matar para sempre aquilo que nasce dentro de uma cidade que se recusa a aceitar a derrota.

E Vogel sabe disso. Ele sente. É por isso que sua expressão nunca relaxa. Porque ele sabe que toda ocupação tem um ponto fraco. E se há um lugar onde isso pode começar, é aqui. Nesta cidade antiga de pescadores e trabalhadores, onde cada pedra do chão tem história, e cada família aprendeu a sobreviver ao mar, à guerra e ao tempo.

Enquanto a noite cai e as patrulhas recomeçam, portas se fecham, luzes se apagam e o medo se instala mais uma vez.

Mas, do outro lado do bosque, onde a estrada some no escuro, **alguém já está voltando para casa**. E quando ele chegar, nada mais será como antes.

Ortona está cercada. O inimigo domina suas ruas. Mas a guerra ainda não terminou. Na verdade… está só começando.

# **Capítulo 2 – Florença: O Começo da Ruptura**

Florença, Itália — 1943.

A guerra mudava cidades. Mas nada mudava mais rápido do que as pessoas dentro delas.

Lorenzo caminhava pelas ruas de Florença com as mãos nos bolsos do casaco e a cabeça longe. Os sinos das igrejas tocavam, carroças cruzavam as pedras antigas puxadas por cavalos cansados, e soldados conversavam alto nas portas dos bares. A vida seguia seu curso, mas era uma mentira — uma ilusão de normalidade construída para esconder o medo que todo mundo carregava.

Ele sabia. Já tinha visto de perto como as coisas funcionavam.

Oficialmente, ainda fazia parte do exército italiano. Na prática, estava encostado — **punido**. Depois de questionar um oficial e se recusar a participar de uma ação contra civis italianos, foi rebaixado a serviços braçais em Florença. Nenhum julgamento. Nenhum registro formal. Naquele tempo, quando alguém pensava com a própria cabeça, ninguém discutia: **insubordinação**.

Agora ele descarregava caminhões, carregava munição e empilhava caixas sem motivo. Não era trabalho. Era vigilância. Era humilhação disfarçada de função. Os superiores esperavam que isso quebrasse homens como ele.

Mas não quebrou.

Nos alojamentos, muitos o evitavam. Não porque tivessem algo contra ele — mas porque ninguém queria ser visto conversando com alguém marcado. **Pessoas assim desapareciam**. Às vezes eram enviadas para a linha de frente sem aviso. Às vezes simplesmente sumiam durante a noite. Todos sabiam. Ninguém falava.

Lorenzo aprendeu rápido a sobreviver ali: **falar pouco, observar sempre e nunca abaixar a cabeça mais do que o necessário**.

Mas o silêncio não apagava o que ele sentia — só deixava mais forte.

Ele já tinha acreditado no discurso do governo. Tinha acreditado no papel do exército. Tinha acreditado que a guerra era por honra, pela Itália, pela liberdade. **Mentiras bem contadas soam como verdade no começo.**

Mas então ele viu.

Viu soldados saqueando casas de trabalhadores italianos perto de Nápoles. Viu um jovem ser espancado em Florença por ousar falar contra Mussolini. Viu inocentes morrerem enquanto oficiais brindavam vinho em casas roubadas.

Foi ali que Lorenzo entendeu algo que nunca mais esqueceu:

**A guerra não tinha lados certos — tinha lados cegos.**

Nesse dia, ao fim do turno, ele caminhou sozinho até uma pequena praça ao lado do rio Arno. Sentou-se num banco de pedra e ficou olhando pessoas passarem, cada uma sobrevivendo à sua maneira. Foi então que algo simples aconteceu — e mudou tudo.

Um grupo de crianças corria pelo centro da praça. Elas riam, chutavam uma bola improvisada de trapos, gritando umas com as outras. Uma delas saiu correndo na direção de uma árvore grande, subiu no tronco e abriu os braços no equilíbrio. Nada demais. Mas Lorenzo congelou.

Por um instante, não estava mais em Florença.

Estava de volta ao **bosque de Ortona**.

Sentiu o vento no rosto. Ouviu folhas balançando. Viu a luz do sol atravessando entre as árvores, como fazia quando era criança. E com essa lembrança veio a presença inevitável de alguém:

**Julian.**

Amigo de infância. Irmão de vida. O outro lado de todas as escolhas difíceis — e das boas também. Eles cresceram juntos naquele bosque. Sonharam juntos. Juraram que nunca deixariam Ortona para trás.

Mas Lorenzo deixou. Foi embora acreditando que precisava buscar algo maior.

Agora entendia o que tinha perdido no caminho.

Florença nunca foi seu lugar. O exército nunca foi seu propósito. Ele tinha esquecido quem era — e lembrado tarde demais.

Levantou do banco. Respirou fundo. Não havia mais volta.

Ele sabia que precisava fazer algo. E sabia que não faria sozinho.

Se alguém ainda tinha coragem nessa guerra, esse alguém era Julian.

E Lorenzo sabia exatamente onde encontrá-lo.

A guerra tinha mudado tudo.

Mas agora… algo dentro dele começava a mudar também.

# **Capítulo 3 – O Reencontro e a Decisão**

Florença, Itália — 1943.

A cidade dormia com medo. As patrulhas noturnas passavam como sombras armadas, e janelas se fechavam antes mesmo de serem vistas. Mas Lorenzo não diminuía o passo. Caminhava com firmeza, como quem carrega uma escolha que já não pode ser desfeita.

Parou diante de uma porta comum, numa rua comum, de uma parte esquecida da cidade.

Nada naquela porta dizia que ali dentro estava alguém perigoso.

Mas estava.

Ele respirou fundo e bateu. Duas vezes. Depois mais uma.

A porta abriu apenas o suficiente para um olhar avaliá-lo. Depois, de repente, abriu por completo.

— Eu sabia que um dia você ia aparecer — disse Julian.

Não foi um cumprimento caloroso. Não havia abraços, nem risadas, nem frases bonitas. Era a guerra — e na guerra, reencontros verdadeiros começavam com verdade.

— Precisei de tempo — disse Lorenzo, entrando.

— Não. — Julian cruzou os braços. — Você precisou de coragem.

Silêncio. Mas era um silêncio que não afastava — aproximava.

Julian era o mesmo e, ao mesmo tempo, outro. O olhar estava mais frio. A postura, mais dura. Vivia como um homem que aprendeu a sobreviver sem confiar em quase ninguém. E com razão.

Julian não era um desconhecido para o regime fascista. Antes de Lorenzo ir para Florença, Julian já **tinha problemas com autoridades em Ortona**. Falava o que não devia. Desafiava ordens que pareciam injustas. Levantava perguntas que ninguém queria ouvir. Foi fichado como **“elemento subversivo”**.

Quando as coisas ficaram perigosas, teve que **sumir**. Trocou de endereço. De cidade. De vida.

Lorenzo sabia disso. Por isso não o procurou antes. **Não era só medo — era culpa.** Culpa de ter acreditado no uniforme. Culpa de ter ido embora. Culpa de ter virado parte de algo que destruiu o país por dentro.

Agora enfrentava o que vinha evitando: **encarar Julian e a si mesmo**.

— Você está diferente — disse Julian.

— Você também.

Julian deu um meio sorriso discreto, rápido, que sumiu no instante seguinte.

— Diz logo o que veio fazer aqui. Você não arriscaria me procurar à toa. E se te seguiram…

— Não me seguiram — respondeu Lorenzo com firmeza. — Mas você tem razão. Eu vim porque não tem mais volta pra mim. Nem aqui. Nem com esse exército. Nem com essa guerra sem sentido.

Julian o encarou nos olhos.

— Então diz. — Ele falou devagar, como quem se prepara para algo grande. — O que você quer?

Lorenzo não gaguejou. Não buscou palavras. Só disse:

— Eu vou voltar para Ortona.

A frase não caiu no ar como uma ideia. Caiu como um peso. Como um destino.

Julian ficou em silêncio por alguns segundos. Então respondeu do único jeito que faria sentido vindo dele:

— Quando partimos?

Falavam baixo, sentados à mesa, como dois homens que sabiam o preço de cada palavra.

— Desertar não é desaparecer. É apagar seu rastro — disse Julian, traçando uma linha num pedaço de papel que mais parecia improviso que mapa. — Sair pela estrada principal é suicídio. A rota é outra: estrada de serviço. Sem iluminação. Sem patrulha.

— Três da manhã — completou Lorenzo. — Troca de guarda. Eu sei.

Julian assentiu. Gostava de quem pensava antes de falar.

— A gente sai com roupa civil. Nada que lembre uniforme. Sem mala. Sem nome. Sem passado. Passamos como trabalhadores viajando. Gente cansada ninguém questiona.

— E depois? — perguntou Lorenzo.

— Seguimos pra Empoli. De lá, descemos para as colinas. Nada de estradas grandes. Trilhas antigas. Entramos em Abruzzo por dentro.

Lorenzo olhou o traçado e assentiu.

— E Ortona?

Julian apontou com o lápis para um ponto no mapa.

— A entrada não é pela cidade. É por aqui.

Lorenzo fixou o olhar.

— O bosque.

— Nosso caminho de volta — disse Julian. — Ninguém patrulha aquela área direito. Não conhecem como a gente conhece.

Os dois ficaram algum tempo olhando o mapa. Haviam poucas certezas, muito risco… mas nenhum deles hesitava. Era uma escolha maior do que os dois.

Julian levantou o olhar.

— Tem mais uma coisa. — Fez uma pausa. — Quando passarmos por aquela porta amanhã à noite, acabou. Não tem volta. Nem desculpa. Nem remorso.

Lorenzo encarou o amigo.

— Eu já passei desse ponto faz tempo.

Julian assentiu.

— Então acabou a conversa.

Eles se levantaram. Não se abraçaram. Não precisavam.

Havia lealdades que não dependiam de gesto nenhum. Só de escolha.

Do lado de fora, a noite estava fria e silenciosa. Quando Lorenzo saiu, Julian disse apenas:

— Amanhã. Três da manhã. Oficina do carpinteiro. Se alguém ver você chegar… vira fumaça.

Lorenzo deu um leve aceno de cabeça e desapareceu na escuridão.

Não era fuga.

Era retorno.

E naquela madrugada, antes mesmo de partirem, algo já estava claro — **não importava o que acontecesse dali para frente: ninguém iria separar os dois de novo.**

# **Capítulo 4 – O Retorno a Ortona**

Arredores de Ortona — 1943.

A estrada de terra sumia sob os passos. O ar tinha cheiro de poeira e sal. Lorenzo e Julian caminhavam com o corpo curvado, como quem tenta caber no próprio silêncio. A madrugada se apertava no horizonte quando o farol de um caminhão cortou a escuridão.

— Abaixa. — Julian puxou Lorenzo para a valeta.

O motor passou a poucos metros. Dois soldados no banco da frente. Um terceiro, de fuzil no colo, olhava a estrada como quem procura um rosto conhecido na multidão que não existe. O caminhão seguiu. Eles esperaram o som morrer antes de sair.

— Mais um posto em meia hora — disse Julian, voz baixa. — A troca de guarda deve ter sido há pouco. Eles ficam atentos.

— A gente continua pelos fundos das oliveiras — respondeu Lorenzo. — Nada de rodovia.

Foram sem pressa. O frio subia das pedras, adormecendo o joelho e acordando o medo. A luz pálida que antecede o amanhecer começou a clarear o campo quando ouviram vozes. Alemão. Próximo.

Os dois se agacharam atrás de um muro baixo. Na estrada secundária logo adiante, uma camionete parou. Um sargento desceu, olhou a paisagem, cuspiu no chão. O rádio crepitou. Palavras curtas. O sargento acenou para dois soldados desembarcarem e andarem pela terra batida, atentos às marcas.

— Rastros — sussurrou Julian. — Eles estão caçando gente.

O soldado mais alto se aproximou do muro. A bota roçou o capim. O cano do fuzil passou por cima das pedras, lento, como um mastim farejando. Lorenzo prendeu a respiração. O dedo de Julian tocou o braço dele só por um instante — não era consolo, era comando: não se mexa.

Um apito distante estourou a tensão. O sargento levantou a cabeça, respondeu com outro apito e mandou os homens voltarem. A camionete partiu, carregando a ameaça para outro ponto do mapa. Lorenzo soltou o ar devagar.

— Por pouco.

— Bem-vindo de volta — disse Julian.

Quando o sol finalmente subiu, Ortona apareceu. Não como lembrança, mas como ferida. A cidade, empoleirada no alto da falésia, parecia menor. Havia janelas fechadas e bandeiras que não pertenciam àquele lugar. Na praça onde eles cresceram correndo atrás de pombos, tremulava a mesma cor que Lorenzo tinha visto em Florença, nos cartazes e nos discursos: vermelha, pesada, agressiva.

— Eles tomaram tudo — murmurou Lorenzo.

— Quase tudo — corrigiu Julian. — Ainda tem gente aqui.

Desceram por uma trilha que só os pescadores conheciam. Não entraram pela via principal. Contornaram pomares, pularam muros baixos, atravessaram um quintal com parreiras ressecadas. Ortona, de perto, era o som de portas batendo rápido e de vozes que paravam quando passos ecoavam na rua. O cheiro do pão cedeu espaço para o de combustível e metal.

No primeiro beco, viram cartazes pregados na parede. Em alemão e italiano. “Toque de recolher”. “Proibido reunião”. “Colaboração obrigatória”. No rodapé, a assinatura estampada com carimbo oficial: **Oberst Heinrich Vogel**.

— O nome dele está até no papel da parede — disse Julian, seco.

— Ele quer que a cidade memorize quem manda — respondeu Lorenzo.

Na esquina da barbearia, uma senhora varria a calçada. Quando viu os dois passarem, parou. Reconheceu algo no silêncio deles. Virou a vassoura para dentro — aquele velho jeito de dizer “entrem sem chamar atenção”.

O barbeiro levantou os olhos quando entraram. Demorou um segundo até a memória encaixar nos rostos diante dele.

— Eu conheço vocês dois — disse baixo, sem sorriso. — Faz tempo… mas conheço.

O olhar dele pousou primeiro em Lorenzo.

— Você é filho do Marco Bianchi, não é? — afirmou, sem perguntar. — Homem direito. Seu pai não falava muito, mas quando falava a cidade escutava.

Depois virou para Julian.

— E você… Santoro. Filho do Pietro. — Deu um leve aceno com a cabeça. — Seu pai voltou da guerra diferente. Mas você sempre teve o mesmo olhar que ele tinha antes dela começar.

Julian não respondeu. Era verdade. E os três sabiam.

O barbeiro fechou a porta com cuidado e voltou a falar, agora mais baixo:

— Sumiram por anos… e escolhem voltar agora? Com Vogel aqui? — Aproximou-se como quem pesa o motivo. — Se voltaram, não foi por curiosidade.

— Voltamos por Ortona — disse Lorenzo.

O barbeiro respirou fundo. Não insistiu com perguntas. Em uma cidade ocupada, **motivos valem mais quando ficam ocultos**.

— Então escutem — ele disse. — Aqui não se fala alto. Eles não escutam só com ouvidos. Tem olho que delata e boca que vende vizinho.

Ele olhou pelas frestas da janela, depois voltou aos dois.

— Tem gente que ainda não se entregou. Mas ninguém está junto. Cada um luta do jeito que dá. Sem plano. Sem direção. E Vogel sabe disso.

Fez uma pausa, medindo até onde podia ir.

— Se querem encontrar quem ainda resiste… procurem onde a cidade nunca deixou de respirar.

Lorenzo franziu a testa.

— Onde?

O barbeiro respondeu sem responder:

— Vocês dois já sabem o caminho. Começa no bosque. Sempre começou.

Lorenzo assentiu. A senhora da vassoura abriu a porta dos fundos com o queixo. Eles saíram por trás, cortando pelos fundos da casa.

Na rua seguinte, um grupo de alemães revistava sacos de farinha. Um homem magro tentava explicar em italiano que era o estoque do mês. Um soldado, impaciente, rasgou o saco com a baioneta. A farinha caiu como neve suja no chão de pedra. Uma criança chorou. O homem calou a boca. Ninguém se meteu.

— É isso que eles chamam de ordem — disse Julian.

— É isso que a cidade tem que deixar de chamar de normal — respondeu Lorenzo.

Seguiram se movendo como sombras, sem pressa, sem peso. O mapa de Ortona estava gravado nos pés. Passaram pelo pátio da escola, agora com grades, pelo adro da igreja, onde soldados alemães fumavam à sombra, pelo corredor estreito que dava na antiga casa de Lorenzo. A porta tinha outra cor. A janela, outro dono.

— A gente não está aqui para reconquistar paredes — disse Julian, lendo o pensamento do amigo. — Estamos aqui para reconquistar a cidade.

— Uma coisa depende da outra — respondeu Lorenzo, sem tirar os olhos da casa.

Um apito cortou o ar. Longo. Autoritário. A mesma nota que os dois tinham ouvido na estrada. As pessoas apertaram o passo. Portas se fecharam. Um jipe desceu a rua. No banco de trás, um oficial com pastas no colo folheava relatórios. Lorenzo não precisava ouvir para saber: **Vogel** não governava com gritos. Governava com listas.

Eles se esconderam atrás de um caminhão parado. Do outro lado da carroceria, dois rapazes conversavam baixo.

— Hoje à noite? — disse um.

— O cabo nos dá a senha — respondeu o outro. — A gente corta a linha antes do posto novo. Eles perdem o rádio. É pouco… mas é um começo.

Um começo. A palavra ficou no ar. Lorenzo trocou um olhar rápido com Julian. Não interferiram. Não era hora de aparecer. Era hora de entender.

A tarde se fez cinza e o toque de recolher foi anunciado por um alto-falante metálico que arranhava o ouvido. A cidade recolheu-se. O vento do mar trouxe frio. As sombras tomaram as escadas, os becos, as varandas.

Lorenzo e Julian entraram numa adega abandonada atrás da casa de um velho amigo. O cheiro de madeira e vinho antigo ainda morava ali. Fecharam a porta por dentro. O silêncio pesou.

— Eles já lutam — disse Julian. — Só não sabem juntos.

— Então é isso que falta — respondeu Lorenzo. — Juntar.

— Juntar e sobreviver — completou Julian. — Porque aqui, quem erra uma vez não erra duas.

Ficaram algum tempo sem falar, ouvindo os passos lá fora, a marcha de um pelotão, o ranger de uma carroça, o bater de uma janela mal presa. E, por um instante, o som mais raro de todos: nada.

— Amanhã — disse Lorenzo. — A gente começa amanhã.

— Onde?

Lorenzo não hesitou.

— Na escola. Quem tem filho tem medo. Quem tem medo escuta. A gente não precisa de armas agora. Precisa de gente.

Julian assentiu. O plano não era grandioso. Era possível.

— E Vogel? — perguntou.

— Vogel vai ouvir falar da gente mais tarde — disse Lorenzo. — Primeiro, a cidade precisa se ouvir.

Lá fora, um jipe parou na praça. Um oficial desceu, olhou em volta, conferiu o relógio. O vento levantou a bandeira no alto da prefeitura. Ela estalou no escuro como um tapa.

Dentro da adega, dois homens, sem uniforme e sem bandeira, decidiram ficar.

Não era coragem sem medo. Era coragem apesar dele.

A resistência não tinha nome. Ainda não. Mas naquela noite, em Ortona, **começou a ter direção**.

# **Capítulo 5 – O Bosque**

O bosque de Ortona não era só um lugar. Era memória. Era território antigo. Era esconderijo de criança, fuga de adulto, confissão de família. Quem nasceu naquela terra conhecia aquele bosque — mas ninguém conhecia como Lorenzo e Julian.

As botas deles não faziam barulho. Não era truque. Não era treino. Era hábito. Era casa.

— Tem gente aqui — disse Julian, apontando só com o olhar.

Luzes baixas tremulavam entre as árvores. Não eram lanternas de patrulha alemã — eram fracas demais, cautelosas demais.

— Reunião — murmurou Lorenzo. — Mais de cinco. Talvez dez.

Não houve plano. Só instinto. Os dois se dividiram sem falar. Julian contornou pelo flanco direito. Lorenzo avançou pela zona alta, onde a mata era mais densa. Eles sabiam exatamente onde pisar, onde evitar ruído, onde o vento carregava o som.

Chegaram antes de serem notados.

Escondidos, observaram.

O grupo não era militar. Eram homens do campo. Caras duras, mãos de quem trabalha. Usavam roupas surradas e olhares desconfiados. Havia um velho com postura rígida, talvez o líder. Um jovem de uns dezenove anos, nervoso e armado demais para quem nunca tinha puxado um gatilho. Dois carregavam pás e cordas — talvez fossem coveiros, talvez saboteiros. Ninguém usava uniforme. Ninguém confiava em ninguém ali.

Uma mulher falava, voz baixa. Olhar firme. Parecia ser ouvida.

— Eles estão reforçando as patrulhas no sul — disse ela. — Vogel sabe que alguém está cortando as linhas de comunicação. Mais dois foram presos hoje.

— Alguém falou demais — rosnou o jovem. — Tem traidor entre nós.

— Ou tem medo — respondeu o velho. — Medo fala antes da boca.

Era uma resistência — confusa, nervosa, sem direção. Mas era resistência.

Lorenzo saiu primeiro da mata. Não com armas. Com presença.

— Não parem — disse ele, calmo. — Continuem o que estavam fazendo.

Em menos de um segundo, sete armas improvisadas foram apontadas para ele. Espingarda velha. Pistola de cabo rachado. Foice. Machado. Medo transformado em aço.

Julian apareceu atrás deles sem fazer barulho. Nenhum deles tinha percebido. Ele poderia ter encostado a lâmina no pescoço de qualquer um. Mas não fez. Só ficou ali — mostrando sem dizer: *não é vocês que têm controle deste lugar*.

O silêncio ficou pesado.

— Quem são vocês? — perguntou o velho, firme.

— Vocês sabem quem somos — disse Lorenzo. — Só esqueceram.

Ele caminhou até mais perto do fogo. Todos recuaram meio passo sem perceber.

— Duas crianças que viviam sujas de terra — disse a mulher, lentamente o reconhecendo. — Que sumiam por horas e voltavam com arranhões e histórias que ninguém acreditava…

Os olhos dela arregalaram.

— Lorenzo Bianchi.

O velho virou o rosto para Julian.

— E o outro… aquele que subia a árvore mais alta do bosque para ver o mar — disse ele. — Julian Santoro.

O jovem com a pistola rosnou:

— Isso não responde nada. Vocês serviram o exército fascista. Podem estar aqui para entregar a gente.

Julian não se mexeu.

— Se estivéssemos aqui para entregar alguém, vocês nunca teriam nos visto.

A tensão aumentou — mas a hostilidade diminuiu. Eles entenderam o recado. Aqueles dois não estavam ali por acaso. E nada no olhar deles dizia mentira.

Lorenzo olhou ao redor, atento às posições de todos, avaliando naturalmente — como quem respira.

— Vocês estão fazendo certo — disse ele. — Mas do jeito errado.

— O que sabe da gente? — retrucou o jovem.

— Sei que vocês lutam. Mas cada um por conta própria. Um corta suprimento hoje. Outro sabota amanhã. Ninguém sabe o que o outro faz. Isso não machuca Vogel. Isso diverte Vogel.

Ninguém respondeu, mas ninguém discordou.

— O que você propõe? — perguntou a mulher.

— Ordem — disse Lorenzo. — Comunicação. Informação antes da ação. E uma regra simples: ninguém mais luta sozinho.

— E você vai mandar em nós? — provocou o rapaz.

Lorenzo balançou a cabeça.

— Ninguém aqui precisa de chefe. Só precisam de direção.

O velho o encarou por alguns segundos.

— Conhecem bem esse bosque — disse ele. — Chegaram sem serem vistos. Andam como gente que não tem medo de morrer.

— Ninguém aqui tem medo de morrer — respondeu Julian. — Mas temos medo de morrer à toa.

O velho assentiu uma única vez. Era respeito.

— Meu nome é Enzo Marino — disse. — Se vocês realmente estão aqui para lutar por Ortona… então lutam ao nosso lado.

Antes que Lorenzo pudesse responder, um som cortou o bosque.

*Tiro.*

Depois outro.

Depois uma rajada curta.

# **Capítulo 6 – Canadá: A Guerra Antes de Ortona**

Um ano antes do bosque. Muito antes dos tiros.

Neve.

Era sempre a neve que começava tudo no Canadá.

O vento carregava cristais brancos sobre o campo de treinamento em Kingston, cortando o rosto como lâminas finas. Homens marchavam. Alguns falavam. Outros tremiam. Um mantinha silêncio absoluto.

**Tenente James Walker**.

Não usava luvas. Não sentia frio. Ou, se sentia, não deixava ninguém saber. Era assim desde sempre. No exército, alguns chamavam isso de disciplina. Outros chamavam de teimosia. Para James, era apenas foco: **ou se faz o que precisa ser feito, ou se morre**.

Ele se ajoelhou perto do mapa estendido no chão e analisou a rota. Reconhecimento profundo. Campanha itinerante. Inserção por território hostil.

— Você vai mesmo aceitar isso? — perguntou o sargento Miller, ao lado dele.

James respondeu sem levantar a cabeça:

— Não precisa aceitar a guerra. Só precisa fazer seu trabalho nela.

Do outro lado da sala improvisada, um grupo de oficiais discutia baixo. O general McAllister, homem que raramente demonstrava emoção, observava James com atenção.

— Ele é o único que pode fazer isso — disse McAllister, sem tirar os olhos do tenente.

— É o seu melhor homem? — perguntou um major britânico.

— Não. Ele é o único que não sabe perder.

### **A Operação que Ninguém Queria Receber**

Enquanto muitos olhavam para a Normandia como o grande destino das forças aliadas, outra ordem caiu como uma bomba nos planos militares: **a Itália precisava ser tomada primeiro**. Era o caminho mais longo, mais difícil e mais sangrento — o caminho que quase ninguém queria.

Mas Churchill insistiu.

Hitler reforçara a **Linha Gustav**, uma muralha de ferro e concreto que cortava a Itália de ponta a ponta. E no coração dessa linha, na costa do Adriático…

**Ortona.**

Pequena, litorânea, construída com pedra pesada. Um labirinto de ruas estreitas e casas antigas que viravam fortalezas urbanas. A revista *TIME* escreveria depois: **"Pequena Stalingrado"**.

Mas para James e sua unidade, ela tinha um nome mais simples:

**Objetivo crítico.**

### **1ª Unidade Canadense de Reconhecimento Especial**

Quatro homens. Era isso. Nada de tanques. Nada de batalhões. Nada de medalhas.

James escolheu cada um deles:

| **Nome** | **Função** | **Característica** |
| --- | --- | --- |
| Sargento Miller | Suprimentos / logística | Cético, pragmático, leal |
| Edwards | Sniper | Silencioso, precisão absoluta |
| Doyle | Explosivos / demolição | Humor ácido, destemido |
| Smith | Comunicação | Jovem, dedicado, idealista |

E então veio a ordem final:

**“Entrar na Itália. Achar uma rota para Ortona. Abrir caminho para o ataque.”**

Só isso.

Não voltar como heróis. Não conquistar a cidade. Não levantar bandeiras.

Apenas **achar um caminho pelo impossível**.

James encarou o mapa pela enésima vez.

— Nenhuma rota terrestre segura — disse Miller.

— Nenhuma rota naval que não vire alvo — disse Edwards.

— Então só sobra uma — disse James.

Silêncio.

— Pela mata — concluiu ele. — Pela retaguarda. Pela terra que ninguém olha.

O major britânico soltou uma risada curta.

— Vai atravessar uma guerra inteira pelo meio do nada?

James respondeu:

— Não existe “nada” onde existem pessoas tentando sobreviver.

### **Destino**

Quando zarparam em um cargueiro improvisado pelas forças aliadas, ninguém aplaudiu. Não houve discurso. Não houve despedida. Missões como essa não iam para os jornais.

E enquanto o navio cortava o Atlântico rumo à Itália em silêncio, James Walker ficou sozinho no convés olhando para o nada.

Ele não acreditava em sorte.

Acreditava em três coisas:

Vontade. Movimento. Consequência.

E naquela noite gelada, encarando o horizonte negro, ele sabia de uma coisa sem saber como:

**A vida dele ia mudar em Ortona.**

# Capítulo 7 – A Caçada

Costa italiana — horas antes dos tiros no bosque.

A praia era escura. Nenhuma lua. Nenhuma estrela. Só o som do mar batendo pesado, como se carregasse presságio. Foi assim que eles chegaram — invisíveis.

Tenente James Walker veio primeiro. Atrás dele, Miller, Doyle e Smith. Quatro homens, quatro mochilas, nenhuma garantia de voltar.

— Sem fogo. Sem conversa. Sem pegadas — disse James, baixo, sem olhar para trás. — A partir daqui, ninguém sabe que estivemos aqui.

Subiram a encosta rochosa em silêncio. Não eram heróis desembarcando com bandeiras. Eram sombras entrando em território inimigo.

Dois dias de infiltração.

Desceram por vinhedos abandonados. Dormiram em celeiros vazios. Cruzaram estradas só quando o vento soprava a favor. Comeram pouco. Falaram menos ainda.

Passaram por homens enforcados nas árvores da estrada. Italianos. Simples. Mortos como aviso.

— Continua — disse James, sem parar de andar.

Smith desviou os olhos. Miller cerrou os dentes. Doyle engoliu seco. Ninguém comentou.

Chegaram perto de Ortona ao cair da tarde. A cidade ainda não era visível, mas a guerra era. O cheiro de diesel e ferro queimado vinha do vento. Estavam atrás das linhas inimigas agora. Qualquer erro significava morte.

E então o erro aconteceu.

Não foi uma armadilha. Nem um ataque planejado. Foi uma fração de segundo — e descuido mata rápido na guerra.

CLANG.

Um som metálico explodiu no silêncio.

O cantil de Smith havia caído na pedra.

Tudo parou.

James virou a cabeça lentamente. O olhar dele dizia tudo sem uma palavra. Smith engoliu em seco.

Tarde demais.

— HALT!! — uma voz gritou em alemão, perto demais.

Depois outra. Mais perto ainda.

— HALT! SCHNELL!!

Luzes de lanternas surgiram como facas saindo da escuridão.

Depois — tiros.

— MERDA! — gritou Doyle. — COBERTURA!

Os tiros vieram antes do pensamento.

A primeira bala passou perto demais. A segunda derrubou um galho acima de Doyle.

— COBERTURA! — gritou James.

Se jogaram atrás de uma formação de pedras. O som aumentou. Múltiplos rifles. Pelotão inteiro.

Eles estavam marcados. Encurralados.

— Quantos? — gritou Doyle.

— Muitos — respondeu Edwards, enquanto recarregava. — E sabem onde estamos.

— A culpa foi minha… — Smith começou, nervoso.

— Cala a boca e luta — cortou James, sem olhar para ele.

Mais tiros. A terra explodia. O ar cheirava a pólvora.

James fez a única pergunta que importava:

— Tem saída?

Edwards apontou para a mata densa.

— A oeste. Terreno ruim. Subida longa. Mas dá para sumir.

— Para onde leva?

— Não sei.

James pensou por meio segundo — o suficiente.

— Então é para lá que vamos.

— E se for uma armadilha? — gritou Miller.

— Se ficarmos aqui, não precisa de armadilha — disse James. — Vamos morrer de qualquer jeito.

Ele puxou uma granada de fumaça, arrancou o pino com os dentes e a jogou.

— CORRE!

Eles correram sob tiros. A fumaça deu alguns segundos — só isso.

TAC!  
 TAC! TAC!

Uma bala atingiu Smith no ombro e o jogou no chão.

— SMITH FOI ATINGIDO! — gritou Miller.

O sangue começou a encharcar o casaco dele rápido demais.

— LEVANTA! — gritou James, puxando Smith com brutalidade. — NINGUÉM FICA PARA TRÁS!

Com esforço, o arrastou enquanto Doyle e Edwards davam cobertura.

Não era fuga. Era sobrevivência.

As primeiras árvores engoliram a visão deles. O terreno ficou irregular. As sombras, mais vivas. A mata, espessa como muralha.

Mas os alemães continuaram atirando.

TAC-TAC-TAC!

Smith caiu de novo. James o puxou mais fundo.

Uma bala atingiu a pedra a centímetros da cabeça de James.

Ele nem olhou.

— NINGUÉM PARA! — disse entre os dentes. — NINGUÉM!

Eles continuaram subindo, mas a encosta terminou em um paredão irregular de rochas escuras. Um lugar sem lógica, sem trilha — um labirinto natural. Para qualquer lado que olhassem, só havia mais pedra, mais inclinação, mais escuridão. **Não havia saída.**

Nem avanço.  
 Nem retorno.  
 **Presos.**

Atrás deles, os alemães subiam em linha agressiva, ganhando terreno tiro após tiro. À frente, nada além de um muro de pedra que engolia a montanha e engolia qualquer esperança.

James olhou para Smith, sangrando no chão, respirando cada vez mais fraco. Miller tentava estancar o sangue com as mãos. Doyle varria o terreno com os olhos procurando um caminho que não existia.

Ali, naquela encosta esquecida entre o nada e lugar nenhum… **eles iam morrer.**

**Capítulo 8 – O Encontro**

Os tiros ainda ecoavam pelo bosque quando Lorenzo e Julian chegaram ao ponto do confronto. O vento trazia cheiro de pólvora e terra revirada.

— Lá em cima — disse Julian, indicando com o queixo, sem levantar a mão.

Eles avançaram como parte do bosque. Passos leves. Respiração contida. Olhos alerta.

Quando alcançaram a encosta, viram três homens fortificados atrás de pedras, trocando tiros contra soldados que subiam a colina. Não eram fascistas. Não eram nazistas. **Eram estrangeiros e estavam encurralados.**

Um deles estava caído, sangrando muito. Outro recarregava rápido, mecânico, frio. E o terceiro — claramente o líder — mirava como quem já nasceu em guerra.

Lorenzo e Julian se entreolharam.

— *Soldati* — murmurou Julian.

— *Ma non tedeschi* — respondeu Lorenzo.

Sem falar mais nada, tomaram posição. Julian flanqueou pela direita. Lorenzo pela Sem dizer nada, tomaram posição. Julian desceu pela direita, usando as rochas como cobertura. Lorenzo contornou pela esquerda, desaparecendo entre fendas e sombras do paredão. O terreno era um labirinto de pedra, inclinado e traiçoeiro — mas para eles, era familiar. Em segundos inverteram o campo de batalha. Não estavam sendo cercados.

**Eles é que cercavam.**

Lorenzo pegou uma pedra e lançou contra outra rocha, produzindo um som seco:

**TEC!**

Os rifles dos estrangeiros viraram imediatamente na direção do som.

— **Hands up!** — gritou o líder.

Silêncio.

— **Show yourselves! Now!** — mais agressivo.

Julian saiu das sombras primeiro, rifle firme. Lorenzo surgiu em seguida, postura baixa, mira precisa.

A tensão congelou o ar.

— **Chi siete?** — perguntou Lorenzo.

— **I said hands up!** — repetiu o líder — sem recuar um centímetro.

Ninguém cedeu.

**Três segundos sem respirar.** **Dois segundos sem pensar.** **Um segundo até tudo acabar.**

Foi quando **Smith**, o soldado caído, gemeu de dor. Alto. Rasgado. Real.

Lorenzo instintivamente **baixou a arma meio palmo** e deu um passo à frente descendo o paredão rochoso.

James travou a mira nele na mesma hora. O cérebro dividido entre **atirar** ou **esperar**.

E então **ele ouviu**.

O som crescente dos tiros e gritos do norte **— os alemães estavam subindo pela encosta**.  
 E ao mesmo tempo… o farfalhar e passos entre as árvores do norte. Há **gente se aproximando. De outro lado.**

Círculo se fechando.

Sem saída.

Por um instante, nada existiu além da decisão.

Lorenzo avançou meio passo, olhou nos olhos do líder estrangeiro apontou pro caminho que havia descido gritou:

— **ANDIAMO! MOVE! DENTRO IL BOSCO, ORA!**

James entendeu na hora.

Não era confiança. Era cálculo.

Ele tinha duas escolhas: seguir ou morrer…  
  
Foi quando ele gritou

— **MILLER! GRAB HIM! MOVE!** — gritou, arrancando Smith do chão.

E então aconteceu.

Eles não apertaram mãos.  
 Não disseram nomes.  
 Não fizeram acordo.

**Eles só correram para o mesmo lado.**

James e Lorenzo puxavam Smith pela lama enquanto Julian cobria a retaguarda. Mergulharam fundo na escuridão viva do bosque. Os tiros ficaram para trás. A floresta engoliu os quatro.

A guerra tinha acabado de unir dois grupos que nunca deveriam ter se encontrado.

Agora… não havia mais volta.

## **Capítulo 9 – A Resposta de Ferro**

Ortona, 03:47 da madrugada.  
 Quartel instalado na antiga prefeitura.

Oberst **Heinrich Vogel** não dormia profundamente. Dormia como um animal de guerra: com os olhos fechados e a mente alerta. Era como se o corpo descansasse, mas a consciência nunca fosse embora.

Foi por isso que ele não se assustou quando bateram na porta do alojamento com força.

— **Herr Oberst!** — Um soldado chamou do corredor. — Movimento no bosque. Relatório urgente.

Vogel se levantou devagar. Tocou a cicatriz no rosto — não por vaidade, mas por hábito. Um ritual para lembrar quem era.

— Entre — disse, sem alterar o tom.

O soldado entrou, nervoso. Abriu um mapa sobre a mesa.

— Patrulhas identificaram atividade a norte. Disparos. Sinais de confronto. E… — ele hesitou — rastros indicam **três… talvez quatro homens** se movendo em direção ao interior do bosque.

Vogel franziu o cenho.

— Partisans?

— **Nein**, Herr Oberst. Relatos falam de… **uniformes estrangeiros**.

Silêncio.

Vogel encarou o soldado.

— Diga isso outra vez.

— Possível presença **aliada** no perímetro oeste de Ortona.

Nenhuma mudança no rosto de Vogel. Nada. Ele apenas ajustou os punhos do casaco e disse:

— **Prepare um pelotão. Fechem o perímetro. Ninguém entra. Ninguém sai.**

O soldado fez continência e saiu apressado.

Ao ficar sozinho, Vogel aproximou-se da janela. A cidade dormia, silenciosa, como se ignorasse que tinha acabado de cruzar uma linha da qual jamais voltaria.

— **Então, finalmente resolveram testar Ortona…** — murmurou.

Mas a noite ainda não tinha acabado.

Outro oficial entrou **correndo**.

— **Herr Oberst! Notícias urgentes de Roma!**

— Fale.

— **O governo italiano assinou armistício. Mussolini caiu. A Itália não está mais ao lado do Reich.**

Por um instante, o mundo prendeu o ar.

Vogel permaneceu imóvel.

Então respondeu como se estivesse comentando sobre o clima:

— **Então agora… somos nós contra todos.**

— Ordens, Herr Oberst?

Ele vestiu as luvas pretas lentamente.

— **Ortona é minha.** — **Esta cidade será mantida a qualquer custo.** — **A partir de agora…** ninguém saiu vivo sem minha permissão.

Ele pegou o mapa e cravou uma faca no ponto onde ficava o bosque.

— **Caça aberta. Fechem o cerco. Quero esses homens. Mortos… ou ajoelhados.**

Do lado de fora, os sinos da igreja começaram a tocar sem razão aparente — o vento balançando metal, anunciando guerra. **Vogel saiu para a escuridão como quem assume um trono.**

A noite pertenceu a ele.

Mas o bosque… ainda não.

## **Capítulo 10 – A Cidade sob Ferro**

**Ortona, manhã seguinte.**

Ninguém sabia explicar de onde veio a névoa que cobria as ruas logo ao amanhecer. Só se sabia que ela chegou junto com o medo. **A cidade acordou ocupada de verdade.** Não como antes — agora era outra coisa. Uma prisão a céu aberto.

Patrulhas alemãs dobraram.  
 Postos de bloqueio surgiram nas entradas das ruas.  
 Janelas foram lacradas.  
 Rádios apreendidos.  
 E pela primeira vez, **ninguém foi ao mercado**.

No centro da praça, ergueu-se algo que não estava ali no dia anterior:

**Um palanque de madeira e uma corda pendurada.**

Era aviso. Não precisava de traduzir.

### **Vogel desce da prefeitura**

Oberst **Heinrich Vogel** caminhou pela praça como um juiz em tribunal. Olhar fixo. Passos silenciosos. Homens armados dos dois lados. Atrás dele, caminhavam seus oficiais — mas **ninguém caminhava ao lado**. Ao lado dele… **não havia iguais.**

— **Trazam todos** — ele ordenou.

Soldados começaram a arrastar moradores para a praça. Homens, mulheres, velhos. Alguns choravam. Outros murmuravam orações. A maioria não dizia nada. Em guerra, silêncio é defesa.

Vogel subiu no palanque e falou **sem gritar**. Ele não precisava.

— **Alguém ajudou estrangeiros no bosque.** — Sua voz era calma, limpa. — **Isso significa traição. E traição… tem custo.**

Ele fez um gesto. Dois soldados empurraram para a frente **um rapaz de uns 19 anos**. Roupa simples. Mãos calejadas. Olhar de quem nunca saiu de Ortona.

— Ele foi visto deixando comida no limite do bosque — disse Vogel.

— Não! Eu… eu só— — o garoto tentou falar.

**PÁH** Um tapa seco interrompeu.

— **Eu não perguntei. Eu afirmei.**

Silêncio mortal.

Vogel tirou as luvas. Colocou-as ao lado. Respirou. E olhou para a multidão, **não para o garoto**. Porque o garoto não importava. **A cidade importava.**

— **Vou tornar isso simples.** — Ele estendeu a mão e apontou ao redor — **Alguém aqui… está escondendo rebeldes. Estão permitindo esperança. Isso termina hoje.**

Ele fez sinal.

O soldado colocou a corda no pescoço do rapaz.

As mães se voltaram. Velhos fecharam os olhos. Crianças foram puxadas para trás. **O mundo ficou sem som.**

— **Onde estão os infiltrados? Quem ajudou? Quem sabe alguma coisa?**

Nada.

Vogel fez uma pequena anotação em seu caderno. Um detalhe frio, quase burocrático.

— **Enforquem.**

O banco foi chutado.

O corpo caiu.

E a guerra mudou de tom.

### **Enquanto isso…**

Lorenzo observava tudo **de dentro de uma casa escondida atrás da praça**, pela fresta de uma janela. Julian ao lado dele.

— **Ele vai destruir essa cidade inteira pra pegar a gente** — disse Julian, tenso.

Lorenzo respondeu sem tirar os olhos de Vogel:

— **Não.** — **Ele vai começar destruindo… quem acreditar na gente.**

Atrás deles, em sombras, James ouviu tudo calado. Olhos de soldado. Mente de estrategista. Ele não via só violência — ele via **o avanço de uma lógica**.

— Esse homem vai fechar Ortona como rato na ratoeira — disse James.

Lorenzo olhou rápido para ele.

— **Então temos que sair antes que ele feche a tampa.**

James respondeu:

— **Não.** — **Temos que sair… levando um plano. Ou somos só mais fugitivos.**

Foi assim que, naquele dia, **nasceu a primeira decisão que mudaria a guerra**:

**Entrar seria impossível.  
 Lutar seria suicídio.  
 Mas sair… sair com informação… sair com um caminho… isso poderia salvar milhares.**

E enquanto isso, na praça, **Vogel falava mais uma vez**:

— **Reúnam todos novamente ao pôr do sol. Se ninguém falar… mais alguém será enforcado. Todos os dias. Até a verdade aparecer.**

Ele desceu do palanque com a frieza de quem acabou de regar uma árvore.

Não era brutalidade sem propósito. **Era método.**

E como todo método… funcionava.

# **Capítulo 11 – A Missão Secreta**

O bosque respirava por baixo da cidade. Por fora, Ortona parecia calcada na rotina de um sítio tomado pela ocupação: patrulhas, prontos de guarda, um som permanente de passos. Por dentro, porém, havia um coração que batia escondido — pequenas bocas, pequenas mãos, um tecido de gente que trocava palavra por palavra para sobreviver.

Na casa onde se escondiam, a noite era um mapa de luzes e sombras. Smith jazia em uma cama improvisada, coma de sono forte mas consciente — estabilizado, semi- acordado. Não poderia lutar. Não ali. Não agora.

James entrou. Olhos secos. O terno da guerra colado ao corpo. Ele não sorria. Não precisava. A urgência vinha do modo como movia a mão, do modo como apagava a vela e fazia sinal com os dedos: hora de trabalhar.

Lorenzo e Julian já esperavam. Havia tensão no ar — não a tensão entre amigos, mas a de quem sente que cada segundo pesa em balas.

— Vocês têm quanto tempo? — cortou James, direto.

— Até o por do sol — respondeu Lorenzo. — Depois disso as ruas ficam mais vigiadas. As rondas mudam.

— Então é menos do que parece — disse James. — O avanço canadense é iminente. Se eles tentarem forçar a entrada pela frente, Vogel transforma Ortona num inferno de ferro e fogo. Precisamos abrir uma rota. E preciso desses mapas.

Julian tossiu, os olhos ainda com a poeira das últimas noites. — Eu entro. Você fica com a retirada.

— Não — James sacudiu a cabeça. — Você fica com a proteção do ferido. Eu vou direto pro depósito.

— Você não conhece a cidade — retrucou Lorenzo. — Você não fala.

— Eu também sei ler mapas — James rebateu seco. — E sei o que precisamos. Torre vai cair em meia hora. Precisamos de silêncio lá em cima e de papel daqui.

Eles traçaram a operação em voz baixa, em fragmentos. Dois movimentos simultâneos: um time pequeno subiria até o topo de um prédio alto — a torre de comunicação improvisada que mandava ordens para as patrulhas — e destruiria a antena; o outro invadiria o gabinete administrativo do comando, no prédio ao lado do mercado, e arrancaria mapas, horários de patrulha e listas de suprimento.

Miller e Edwards aceitaram a torre. James escolheu Julian e Lorenzo para abrir a porta do gabinete — por dois motivos: eram locais, sabiam se mover entre becos e conheciam o pessoal da cidade; e porque James precisava de alguém que, na ausência de palavras, fizesse o terreno falar por ele.

— Smith fica aqui — disse Julian, tocando o ombro do amigo. — Não saio sem ele.

— Não precisa — respondeu James. — Você tem ordens. E eu não volto sem os mapas.

Com isso, partiram. Cada passo dentro da cidade era uma aposta. Eles se moviam encobertos por lonas de feira, por sombras de capelas e por becos que só aqueles que cresceram ali reconheceriam. Lorenzo apontava rotas, mostrava portas de serviço, contava anedotas rápidas em italiano que James absorvia como dados, não como histórias.

Chegaram ao mercado. O gabinete ficava no segundo andar de um prédio com fachada discreta, ocupado por oficiais que bebiam e deixavam guardas na rua. Lorenzo recebeu um aceno de um homem com a barba suja — um fornecedor que devia favores antigos. Um bilhete passou de mão em mão. A porta dos fundos ficou liberada por quinze minutos.

Dentro, o ar tinha cheiro de papel envelhecido, café e pólvora. Mesas com rolos, mapas esticados, uma lâmpada tremulando sobre um homem que rabiscava horários. James parou por um instante, estudou a posição e organizou passos como quem monta peças num tabuleiro.

Julian e Lorenzo entraram baixos. James ficou perto da escada, olhando o movimento. Ele não perguntou nada. Ordenou.

— Você na porta. Julian, em cima com os guardas. Eu pego os mapas.

Foi tudo preciso e cirúrgico. Lorenzo distraiu — um tropeço pensado, uma queixa alta sobre civil ferido na rua — e dois guardas saíram quase com raiva para checar. Julian subiu mastigando a sombra, empurrando um guarda sem chamar atenção, derrubando-o na escala do bar. Miller, lá de fora, já fazia ruído na torre — coisa de fumaça, coisa de barulho de motor, a distração necessária.

James abriu o cofre improvisado. Mapas foram puxados: rotas de patrulha, escalas dos guardas, horários de reposição, um caderno com anotações sobre passagens secundárias. Era tudo o que precisava: o desenho da cidade sob a mão do inimigo.

— Tem as rotas — murmurou James, sem emoção. — E notas sobre uma entrada velha — um portão de serviço fechado por pedras, ao sul do mercado. Se abrirmos aí, os tanques podem entrar pela retaguarda. Pelo bosque.

Lorenzo sorriu, mas era sorriso curto. — Eu sei desse portão. Velho caminho dos pescadores. Esquecido. Mas fechado por rochas há décadas. Tem um túnel até a vala que contorna a cidade.

James guardou os mapas, enrolou-os, fez um nó que era promessa e logística.

— Eu levo isso hoje mesmo — disse. — Vou enviá-lo. Se o comando entender, eles desviam o avanço. Se não, milhares morrem.

A retirada seria a parte mais perigosa. No caminho de volta, uma ronda imprevista dobrou a esquina. Um soldado alemão apareceu no corredor — novo rosto, olhos vazios. James congelou. Lorenzo e Julian se moveram como se cada músculo fosse um fio de aço.

Lorenzo empurrou uma prateleira, derrubou potes — caos planejado. Os homens do chão correram para ver. James já tinha os mapas no casaco. Julian segurou a respiração e puxou o guarda para a parte de trás, derrubando-o com um golpe seco. Não havia tempo para hesitar.

Saíram pelo fundo, tropeçando em tábuas, raspando o muro, engolidos pela rua estreita. Pessoas corriam, o comércio ardia em preocupações. Tudo era ruído suficiente para esconder a verdade.

Miller e Edwards, na torre, conseguiram a sabotagem. Uma explosão seca, uma centelha. A torre soltou faíscas e a transmissão caiu como uma lâmina. Patrulhas ficaram cegas por segundos preciosos.

Eles se encontraram no bosque com a pasta. James abriu e confirmou: horários, rotas, coordenadas da passagem sul. Era ouro.

— Você levou correndo — disse Lorenzo, ofegante.

— Vou mandar isso pro meu comando — disse James. — Agora.

Mas Vogel já tinha percebido algo. O silêncio na transmissão acendera uma sirene interna no quartel. Mensagens chegaram, palavras cortadas e o murmúrio habitual de ordens. O mapa poderia salvar vidas — mas primeiro tinha que sair da cidade.

Ao longe, o som de botas martelou como um martelo. Vogel não esperava perder controle. Não aquela noite. Ele fechou os punhos.

— Traidores — rosnou.

E naquele momento, Ortona começou a se fechar de verdade. Postos, barricadas, bloqueios. A cidade que respirava por dentro ora começava a sufocar.

James enfiou a pasta num colete e começou a traçar a rota de saída para o bosque, já pensando no rádio que precisava alcançar, nos emissores, nos prazos. A mensagem foi enviada por códigos que só o alto comando entenderia — uma linha de informação que precisava cruzar o Atlântico.

Eles haviam conseguido. Não por heroísmo. Por cálculo, risco e por uma cidade que sabia se mover por dentro. Mas o passo seguinte era o mais perigoso: **fugir enquanto a cidade se fecha**.

E Vogel? Ele não dormia. Ele punha os rostos em filas e apertava a cidade como quem quer extrair segredo. A guerra mudaria o rosto de Ortona. E ninguém ainda sabia o preço exato que iriam pagar.

**apítulo 12 – Quando o Medo Escolhe um Lado**

Ortona não explodiu depois da sabotagem. Não houve gritos, nem fogo, nem tropas correndo pelas ruas como manada. A cidade apenas… **ficou mais quieta**. E esse silêncio era pior do que qualquer bombardeio.

Vogel não errou um passo.

Ele não gritou. Não ameaçou. **Não declarou guerra à resistência.** Apenas mudou pequenas coisas:

Postos de controle dobraram.  
 Ruas foram fechadas.  
 Soldados passaram a entrar em casas sem bater.  
 E ninguém podia mais andar sozinho depois do pôr do sol.

Era uma **caçada**, mas feita com luvas — limpa, metódica, cirúrgica.

Naquela noite, Lorenzo e James estavam na velha adega usada como esconderijo. Julian se aproximou deles trazendo uma informação:

— **Temos um problema.** — disse, sério. — **Tem alguém falando demais na cidade. Os alemães começaram a procurar no lugar certo.**

— Tem um traidor? — perguntou James.

— Não é traidor… é medo. — respondeu Julian. — E medo… fala.

Havia urgência. James precisava enviar uma última mensagem ao comando canadense, confirmando a rota através do bosque e do porto seco ao sul. Só que o transmissor clandestino ficava **dentro da cidade**. Alguém precisava ir.

— Eu vou com você — disse Julian.

James encarou. Lorenzo franziu a testa.

— Não. — Lorenzo disse. — Mando outro no lugar dele.

— Você não decide isso — respondeu James.

Julian colocou a mão no ombro de Lorenzo.

— Eu volto. — disse. — É só uma transmissão. Dez minutos.

Parecia simples demais. E simples demais, naquela guerra, **nunca era seguro**.

A travessia até o transmissor foi rápida. Desceram becos, cruzaram escadarias, passaram perto demais de uma patrulha. Mas chegaram. Uma casa apagada, janela vedada, rádio escondido debaixo de tábuas do chão.

James preparou a mensagem. Julian ficou na porta, atento.

**Tensão mínima. Missão limpa. Sem erros.**

Até que **uma janela bateu** do outro lado da rua. E uma porta se abriu rápido demais. Uma mulher italiana apareceu — rosto pálido, mãos trêmulas.

Ela viu Julian. Viu James.

E recuou… como se tivesse visto um fantasma.

James percebeu na hora — **o olhar de pânico de quem vai denunciar para sobreviver**.

— Fechamos! — disse ele, guardando os papéis.

Mas já era tarde.

Trinta segundos depois, ouviram botas. Muitas botas.

— **Via di Porto! Chiudere tutto!** — gritou um alemão. — **NESSUNO PASSA!**

Julian e James correram por ruelas estreitas. Passaram por cima de muros, rolaram por pedras, derrubaram caixas. Eles quase escaparam. **Quase.**

No último beco antes da saída da cidade, viram luzes. Lanternas fechando a rua dos dois lados. **Armadilha.** Forjada rápido demais para ser acaso. Havia **informação alemã no terreno**.

Eles correram para trás.

Salto de muro. Telhado baixo. Descida em sacada.

Julian pousou primeiro. James caiu atrás dele.

**Então um tiro.**

Julian caiu de joelhos.

— Vai… — disse ele, empurrando James — **VAI!**

— Levanta. — James puxou ele. — **Levanta agora!**

Eles correram até o fim do beco — e deram de cara com **um posto alemão novo**, montado naquele dia. Instantâneo. Frio. Perfeito.

Vogel não procurava mais. **Ele cercava.**

Julian empurrou James contra o muro e **entrou sozinho na rua**.

— CHE GA! — gritou um alemão. — FERMO!

Julian **levantou as mãos**.

James congelou no escuro. O olhar dele era de guerra pura. Ele tinha sobrevivido a batalhas que quebrariam qualquer homem — mas isso era diferente. Isso era **impossível de aceitar**.

Julian olhou para a sombra onde James estava escondido. Sabia que ele estava ali. **Falou sem palavras**:

*"Leva essa guerra até o fim."*

James quase saiu. Quase atirou. Quase quebrou a própria ordem. Mas mais passos chegaram. Mais soldados. Uma linha inteira de rifles.

Se atirasse… morriam os dois. E a missão ia junto.

James recuou para a escuridão. Julian foi levado.

Sem gritos. Sem resistência. Sem futuro.

Na manhã seguinte, Lorenzo encarou James no bosque. James voltou **sozinho**. Sem Julian. Sem explicações.

— Cadê ele? — Lorenzo perguntou, firme.

James não respondeu.

— **CADÊ O JULIAN?** — Lorenzo avançou.

James olhou nos olhos dele.

— Capturado.

Lorenzo tremeu de ódio.

— Você deixou ele para trás.

James respondeu com uma calma que parecia arrogância.

— Eu mantive a missão viva.

Lorenzo avançou para cima dele. Miller e Doyle seguraram os dois.

— Um dia você vai entender — disse James.

Lorenzo respondeu com veneno na voz:

— **Não. Eu vou trazer ele de volta. E vou lembrar quem não tentou.**

Naquele mesmo dia, Vogel abriu as portas da prefeitura. E prendeu Julian **no alto da cidade**, bem visível a todos.

Não para interrogá-lo apenas.

**Para chamar alguém.**

De lá de cima, Vogel olhou o horizonte. **Olhou o bosque.**

Ele sabia agora **onde mirar**.

A guerra tinha deixado de ser sobre Ortona.

Agora era **pessoal**.

— **Chame reforços para o norte. Vamos caçar.** — ele disse.

E a caçada começou.

**Julian não estava morto.  
 Ainda.**

**Capítulo 13 – O Caçador**

Julian não gritou quando foi levado. Não implorou. Não disse uma palavra. Mas sua captura fez barulho. Barulho invisível — daquele que passa de porta em porta, sopra por frestas de janelas, entra em casas pela boca de gente com medo.

No dia seguinte, a cidade já sabia: alguém tinha sido pego.

Horas depois, já se dizia: não era italiano.

Ao entardecer, ecoava entre cochichos: eram mais de um.

Quando a noite caiu, já não era mais segredo — existiam soldados aliados escondidos em Ortona.

E bastou isso para que o medo fizesse o que o medo sempre faz: entregou alguém.

Na prefeitura, Vogel ouviu tudo calado. Não bateu na mesa. Não levantou a voz. Ele apenas ouviu. De cada pessoa levada para interrogatório, uma palavra. De cada palavra, um pedaço. E de cada pedaço, um mapa invisível se formava na cabeça dele.

— Canadenses — confirmou Vogel, finalmente. — Eles estão aqui.

Disseram a ele que vieram poucos, que não fazem barulho, que se movem como sombras.

— Sombra não existe sem luz. — respondeu ele, tranquilo. — Então vamos acender a cidade inteira.

### **No bosque**

**O vento carregava tensão. O cheiro de medo não vinha do inimigo — vinha de dentro. Vinha das pessoas.**

**Lorenzo queria agir.**

**James queria sobreviver.**

**— Você vai sair daqui e deixá-lo? — Lorenzo avançou para cima dele. — Julian foi com você. Ele confiou em você.**

**— Eu tentei trazer ele de volta. — disse James, firme.**

**— Tentou? — Lorenzo cuspiu a palavra com raiva. — Então por que ele não está aqui?**

**James encarou ele de um jeito que até o vento parou.**

**— Porque não dava. — disse. — Porque se eu ficasse, nós dois estaríamos mortos. E a missão também.**

**— Missão… — Lorenzo riu, nervoso. — Que missão vale mais que um homem?**

**James fechou a mão.**

**— A missão que pode salvar centenas.**

**O silêncio caiu como pedra. Lorenzo respirava rápido. Tinha ódio nos olhos.**

**— Você não viu ele ser arrastado. Não viu o que fizeram com ele.**

**— VI. — cortou James.**

Foi a primeira vez que sua voz veio pesada. Sem gelo. Sem máscara.

— Eu vi. — disse ele. — Eu tentei. Eu arrisquei. Mas eu não podia perder todos. Eu não podia falhar. Não podia deixar morrer quem ainda podia lutar.

Lorenzo queria socar ele. Queria quebrar ele no meio. Mas a verdade ficou no ar como um tiro que não erra.

Ele não tinha resposta.

James continuou, baixo:

— Se você quiser me odiar, odeie. Mas saiba de uma coisa: Julian não morreu em vão. O que ele entregou foi tempo. E tempo… é a única coisa que temos.

Foi quando Miller apareceu correndo, rosto sujo de terra.

— Eles estão vindo! — disse, sem fôlego.

— Quem? — perguntou Doyle.

— Os alemães. Muitos. Estão subindo do sul. E Vogel está com eles. Ele está caçando a gente.

Ninguém falou por alguns segundos.

James foi o primeiro a se mover.

— Tirem tudo do acampamento. Sem rastros. Sem fogo. Sem nada. A partir de agora, somos o que eles mais temem encontrar.

— O quê? — perguntou Miller.

James carregou o rifle, sem desviar os olhos da floresta.

— Gente que não tem mais o que perder.

O bosque ficou em silêncio.

A guerra estava vindo.

Eles ficaram.

E pela primeira vez, Lorenzo falou sem raiva — falou com verdade.

— Ele vem por você… — disse, olhando para James. — Mas vai ter que passar por mim.

Na encosta que levava ao bosque, Vogel caminhava com calma, luvas pretas, olhar fixo.

— Cerquem a mata. — disse ele. — Hoje… caçamos fantasmas.

Mas ele sabia.

Não eram fantasmas.

Eram homens.

### **Capítulo 14 – A Guerra Chega**

O rádio chiou às três da madrugada. O som entrou quebrado, arranhando o silêncio do bosque como uma lâmina de metal arranha pedra.

— **…Delta… Walker… responde…** — veio uma voz fraca, quase engolida pelo estático.

James estava acordado. Ele **sempre** estava. Chegou no aparelho antes que Miller entendesse o que estava acontecendo.

— **Repete a transmissão. Identifique.** — disse James.

— **Aqui é Fox-Bravo-Um, força canadense avançada. Recebemos mapa. Não bate com terreno.** — **Confirme posição.** — **NEGATIVO. Precisamos de rota. Estamos sendo empurrados pelo leste. Estamos sem entrada. Repito: sem entrada.**

Lorenzo entrou no abrigo, ouvindo tudo.

— Eles chegaram — disse ele.

James respondeu no rádio:

— **Qual a sua distância do setor de Ortona?**

— **Menos de quatro quilômetros. Mas estamos travados. Artilharia inimiga no vale. Precisamos de entrada segura IMEDIATAMENTE.**

A voz falou de novo. Uma última frase, curta:  
 — **Walkers don’t run.** James fechou os olhos. Era alguém que o conhecia. **Não era só uma tropa. Era um chamado.**

Ele desligou o rádio, respirou.

— Eles vão morrer ali — disse James. — Se tentarem pelo leste ou oeste, acabam esmagados. Vogel transformou a cidade numa ratoeira.

— Então abrimos pelo sul — respondeu Lorenzo, sem hesitar. — Pela estrada dos pescadores.

— Aquela passagem está soterrada — disse Doyle.

— **Não está morta. Só está esperando.** — Lorenzo respondeu.

James analisou o mapa na parede. A velha rota cavada na rocha. Desativada. Ignorada. **Perfeita.**

— Vamos precisar explodir a entrada. — disse James. — E rápido.

— Eu levo vocês até lá — disse Lorenzo.

— Você? — Miller rebateu. — Se fizer isso, Vogel vai saber que a resistência está viva.

— Ele já sabe. — Lorenzo respondeu. — Agora a gente decide **se morre aqui… ou se luta até o fim.**

James o encarou. Não com raiva. Não com ódio. Pela primeira vez… com respeito.

— Então vamos — disse James.

### **A MARCHA**

Eles se moveram pela floresta como sombras armadas. James, Miller e Doyle com explosivos. Lorenzo liderando pelo terreno. Nadine, Marco e Enzo — italianos silenciosos da resistência — fechando a retaguarda.

Mas não estavam sozinhos no bosque.

**Vogel também tinha entrado.**

E diferente deles… **Vogel não precisava conhecer o terreno.** Ele só precisava **cercar** quem estava dentro.

E foi o que ele fez.

Quando Lorenzo e James chegaram na passagem de rocha antiga, ouviram.

**Tambores metálicos. O som de morteiro sendo armado.**

Mais acima, no limite da floresta, luzes e vozes em alemão tomavam o terreno.

— **Ele tá vindo** — disse Lorenzo.

— **Não.** — respondeu James. — **Ele já chegou.**

### **QUEBRA**

— CARGA PRONTA! — gritou Miller, armando os explosivos na pedra.

— AVANÇAR! — gritou Vogel mais adiante. Voz firme. Sem pressa. Sem medo. Com **controle**.

James puxou o rádio.

— **Fox-Bravo-Um! Avança pela minha marcação! Siga o sul! Repito: SUL!**

— **Walker! O caminho não existe! Estamos vendo parede!** — respondeu o rádio.

James olhou para Lorenzo. Lorenzo ergueu o detonador.

— Então vamos fazer ele existir.

BOOOOOOOOOOOM.

A pedra estourou como um pulmão de pedra explodindo. Poeira. Fragmento. Chama.

**Um portal se abriu no meio da montanha.**

A estrada dos pescadores estava de volta. **A entrada para Ortona estava livre.**

Do rádio, a voz veio:

— **Walker, temos entrada visual! Estamos indo!**

James respondeu apenas:

— **Correm ou morrem.**

Mas antes que pudessem descer…

**TIROS.**

**Vogel havia cercado metade do bosque.**

— COBERTURA! — gritou Doyle.

— PRA DENTRO DA PASSAGEM! — Lorenzo berrou.

O rádio caiu no chão, ainda ligado.

— **Walker, posição comprometida? Walker, responde!** — dizia a voz.

James pegou a arma. Olhou para Lorenzo. Olhou para a escuridão.

Não havia mais recuo.

Não havia mais esconderijo.

Não havia mais outra chance.

Eles iam **segurar o bosque** até o último homem.

E no alto da colina, observando tudo, Vogel abaixou os binóculos.

Ele finalmente tinha encontrado seu inimigo.

E **sorriu**.

# **Quando Chegou o Rugido**

O cerco havia virado abraço de ferro.

Vogel ordenara precisão: morteiros casavam em cima das trilhas, metralhadoras costuravam os ramos, patrulhas desciam como enxames. O bosque tremia com o cheiro de pólvora e madeira queimando. O som era uma batida constante — tiro, respiração, dor, silêncio, tiro de novo.

Eles seguravam porque não havia outra palavra melhor. Segurar. Fazer tempo. Cada metro ganho era paga em sangue.

— **Segurem o flanco leste!** — gritava Lorenzo, voz cortada pelo vento. — **Não deixem subirem pelo vale!**

Miller caiu primeiro. Uma rajada rasgou a clareira onde ele fazia cobertura. James viu o corpo dele tombar, viu o rifle escapar dos dedos, viu a vida sendo sugada pela terra.

— **MILLER!** — gritou James, correndo, olhando para o buraco onde o amigo estava. Mas não havia tempo de luto. Só havia fogo por todo lado.

A resistência sofreu muito. Marco, Nadine, Enzo — homens e mulheres que semanas antes dividiam pão e segredo — foram feridos, alguns não mais levantariam. A mata virou hospital improvisado: panos amarrados, mãos pressionando feridas, olhares que pediam para não serem os próximos.

Doyle gritava ordens com a boca seca, Edwards recarregava como se fosse uma rotina mecânica. Smith, que meses antes mal podia andar, estava sentado, olhos vazios, estilhaços na roupa. Todos ali estavam carne, coragem e culpa chamuscada.

No centro disso, Lorenzo lutava. A raiva dele tinha se transformado em uma espécie de foco mecânico: não morreriam ali, não enquanto restasse sequer um sopro de ar.

James tropeçou, o rosto coberto de lama e sangue. Um estilhaço roçou sua perna. Ele caiu apoiando a mão no chão, ofegante. Um alemão avançou, mira fixa. Lorenzo veio por trás e, com força brutal, o empurrou para fora do caminho, trocando soco por soco. Lorenzo salvou James.

— **Sai! Vai!** — Lorenzo gritou, arrastando James para trás de uma raiz exposta.

No mesmo instante, uma granada explodiu perto demais. Lorenzo levou o impacto. Ele caiu entre galhos como um boneco partido. O rosto dele abriu em dor. James engoliu o próprio medo e tentou alcançá-lo — mas foi empurrado por uma rajada que varreu a clareira.

— **Lorenzo!** — a voz de James quebrou.

Lorenzo respirava com dificuldade, as mãos cheias de terra, o corpo tremendo. O risco era real: ele tinha tomado a linha para que outros vivessem.

E foi naquele silêncio entre uma explosão e outra — naquele fôlego — que o bosque mudou de som.

Primeiro, um ruído surdo. Longe, mas vindo. Um tremor que não era natural. Depois, outro tremor. Como se a terra estivesse sendo rebatida por metal. O som aumentou, virou rugido. O ar trouxe um cheiro diferente: óleo, calor, ferro.

— **Tanques!** — alguém gritou, não acreditando.

No alto da clareira, sombras metálicas rasgaram a linha das árvores: uma coluna de Shermans, luzes cortantes, canhões se posicionando. Atrás deles, tropas canadenses desceram em força, rifles levantados, voz e comando.

A entrada foi como um trovão que abriu o peito do bosque. As metralhadoras inimigas que até então cortavam o ar tiveram que escolher um novo alvo — agora havia ferro e blindagem para enfrentar. A infantaria inimiga recuou, surpresa, e então reagiu com fúria; Vogel ordenou contra-ataque imediato.

Mas o momento era deles. A artilharia dos Shermans, dois, três tiros bem colocados, abriu clareiras e varreu posições. Soldados canadenses, gritando, correram como quem recebe a bênção da sobrevivência. O sangue ainda corria, mas agora havia ajuda de metal.

James viu Lorenzo entre os escombros. Alcançou-o com passos de raiva e alívio.

— **Segura!** — James puxou Lorenzo para a sombra de um tronco.

Lorenzo olhou para ele com os olhos cheios de lama e algo que ainda parecia virar a página: culpa, dor, um fio de sorriso torto.

— **Você fez o que tinha que fazer** — disse James, a voz engasgada. — **Nós chegamos. Eles chegaram.**

Lorenzo tentou rir, a boca seca. — **Não sem custo.** — murmurou.

Do outro lado da clareira, Doyle e os canadenses trabalhavam para erguer uma posição. Um sargento canadense, coberto de sangue, colocou a mão no ombro de James.

— **Walker. Você segurou a porta. Eles entraram por você.** — disse o sargento, voz curta.

Miller não se levantou.

Houve tempo para pouco. Enquanto os Sherman cavavam o avanço, flotilhas de soldados aliados desceram pela passagem aberta: primeiro grupos, depois fileiras, depois o peso real do exército. A resistência, apesar de despedaçada, agora era reforçada por aço, por homens frescos, por munição. O som do bosque virou guerra organizada.

Vogel, do alto da colina onde tinha sua posição, observou. Ele franziu o cenho quando os blindados se deslocaram; viu homens caírem, viu o terreno mudar. E pela primeira vez, naquele dia, pisou firme e sentiu que havia mais do que a sua vontade contra ele.

A luta não acabou ali. Ela se alargou da clareira para o vale, do vale para a cidade. Mas aquele instante — quando tivessem pensado que tudo estava perdido — mudou com o som dos motores.

Naqueles segundos que seguiram:

* Muitos da resistência estavam fora de combate; vários não levantariam mais.
* Miller não respirava. James ajoelhou-se ao lado do corpo do amigo, segurando a mão fria. Era um adeus que ninguém pediu.
* Smith gemia, olhos perdidos. Marco estava estirado, a respiração curva. Nadine murmurava números.
* Lorenzo, ferido, foi erguido por dois canadenses que o carregaram até uma posição segura. Ele sangrava, estava quebrado — mas vivo.

Os canhões abriram caminho. As tropas canadienses empurraram, com gritos e fúria, transformando o cerco em contra-cerco. A floresta deu lugar a ordem e fogo coordenado. Onde minutos antes o destino parecia selado, agora havia uma rota que poderia levar tanques para dentro da cidade — se a posição fosse mantida, se a dor pudesse ser administrada.

James tinha o corpo quente de Miller nos braços e o rosto molhado. Ele olhou para Lorenzo, que ainda respirava fundo, e falou baixo, como promessa e cobrança:

— **A gente paga por cada um que ficou. Mas a partir de agora, a gente faz valer.**

Lorenzo assentiu, olhos encharcados, carne e honra doloridas.

Do alto, Vogel gritou ordens como quem tenta domar um monstro. O campo virou caos medido: artilharia, explosões, bandeiras que tremiam. O ataque tinha chegado ao crescendo.

E no meio de tudo, enquanto a fumaça subia e o bosque vomitava homens e metal, alguém abriu um sorriso curto — não de alegria, mas de reconhecimento: **eles tinham conseguido rasgar a primeira fresta**. Era pequeno. Era sujo. Era pago em sangue. Mas era o começo.

A batalha do bosque continuaria, longa, feroz, com custos que nenhum livro contaria direito. Mas naquele dia, com Miller morto, com boa parte da resistência desfeita, com Lorenzo salvo apenas pela força dos canadenses, algo mudou. A entrada existia. A rota estava aberta. E, por mais amarga que fosse, Ortona voltaria a conhecer o que era respirar sem a corda no pescoço.

— **Segurem a linha!** — ordenou James, a voz cortada pelo estalo dos rádios.

Eles seguraram. E avançaram.

# **Capítulo 16 – A Fortaleza e o Preço**

Ortona não caiu naquele dia.

Ela **foi trancada por dentro**.

Quando Vogel recuou do bosque, não foi fuga. Foi cálculo. Ele não corria do confronto — ele o **movia**. Se os canadenses queriam entrar, então que entrassem. **Na cidade dele.** No **labirinto** que ele havia construído com semanas de antecipação.

### **A ratoeira fecha**

Quando os canadenses avançaram para dentro de Ortona, descobriram tarde demais:

* Ruas principais **minadas**
* Entradas bloqueadas com **escombros**
* Janelas transformadas em **ninhos de atirador**
* Paredes com **buracos táticos** interligando casas
* Campos de tiro cruzado na altura do peito

Cada esquina tinha morte escondida. Cada casa era uma trincheira vertical.

A batalha deixou de ser guerra — virou **cirurgia brutal**.

Explosão. Avanço. Granada. Fuzil. Faca.

O inimigo não era mais distância. Era proximidade. Era **respiração**. Era pele contra parede.

— **Lado oeste seguro! Avançar!** — gritou Doyle, a voz rouca de pó e sangue.

Canadenses e italianos **lutavam lado a lado** agora, sem idioma, sem explicação — apenas propósito. Passavam munição como se passassem vida.

Lorenzo conhece cada viela. James conhece cada movimento. **Juntos**, montaram a única rota possível: **tomar Ortona por dentro**, pela espinha dorsal, casa por casa.

E assim foi. Três dias de batalha. Quatro. Cinco.

Sem dormir. Quase sem comer.

### **A rachadura emocional**

No sexto dia, veio o corpo.

Julian não morreu em combate. Não foi tiro. Não foi granada.

Ele foi **devolvido**.

Os alemães deixaram o corpo dele **na rua**, ao lado da fonte quebrada da Piazza San Tommaso.

Sinal claro: **“Eu sei quem vocês são. Eu sei o que vocês querem. Venham.”**

Lorenzo chegou primeiro. Ele ajoelhou. Encostou a testa no ombro do amigo. Não chorou. Não na frente da cidade. Não na frente dos soldados.

James ficou parado a alguns passos. Observando. Carregando a culpa em silêncio.

— Ele não tinha que morrer assim — disse Lorenzo, baixo.

— Ele não morreu em vão — respondeu James.

Lorenzo levantou os olhos. Olhar cortante.

— Então faz valer.

James assentiu. Sem promessa. Sem discurso. Só verdade.

### **O fim da linha**

Vogel não se matou dentro da fortaleza que criou.  
 Não lutou até o último homem.  
 Não queimou a cidade com ele.

**Ele saiu.**

Quando ouviu o som pesado dos tanques canadenses quebrando as últimas ruas fortificadas de Ortona, ele entendeu: **a guerra estava perdida ali**. Mas mesmo derrotado, ele escolheu **como seria visto**.

Saiu caminhando para o centro da rua principal com quatro de seus oficiais. Sem expressão. Sem pressa. Parou diante das tropas canadenses que avançavam.

E então, cínico como sempre foi… **soltou sua Luger no chão**.

O metal tocou a pedra com um som frio que ecoou pela rua silenciosa.

James viu. Lorenzo também.

Ambos respiraram fundo — **era ele**. O homem que executou Julian. O homem que transformou Ortona em um mausoléu. O homem que fez a guerra virar pessoal.

James ergueu o rifle.

Ele andou em direção a Vogel com passos firmes. Nada no rosto dele — só decisão. Ele parou a poucos metros do alemão e travou a mira no centro do peito do inimigo.

Lorenzo também chegou. O sangue subiu. A respiração dele ficou curta. Ele agarrou a arma. **A vingança era só um puxar de gatilho.** Fácil. Rápido. Justo.

James olhou para Lorenzo – só um instante – mas foi uma conversa inteira sem palavras:

**“Se você não fizer… eu faço.”**

Lorenzo ficou parado, os olhos queimando, a alma pegando fogo por dentro. Ele olhou para Vogel, e naquele momento viu: **não era um monstro. Era só um homem. Um homem pequeno demais para tudo que destruiu.**

Lentamente, Lorenzo abaixou a arma.

James olhou para ele, incrédulo.

— **O que você está fazendo?** — rosnou James.

Lorenzo respondeu, firme, com a voz que vinha do que sobrava do coração dele:

— **Julian não queria ser como eles.** Ele olhou para James.  
 — **E eu também não vou ser.**

James ficou imóvel. A arma ainda apontada. A mão tremendo de ódio. De dor.

E então… ele abaixou o rifle também.

Soldados canadenses avançaram, algemando Vogel e seus oficiais. Sem honra. Sem glória. Sem discurso. **Preso como um homem qualquer.** E esse foi o castigo.

Porque alguns homens merecem morrer.  
 Mas **outros merecem viver com o peso do que fizeram.**

### **Capítulo 17 – A Libertação de Ortona**

A batalha durou **oito dias dentro do bosque** e **catorze dentro da cidade**. Quando terminou, Ortona não comemorou — **respirou**.

A guerra não sai quando termina. Ela **fica nos lugares**. Nas paredes quebradas. Nos pedaços de ferro nas ruas. No olhar de quem sobrevive. Ortona ficou assim: **viva, mas marcada**.

Os canadenses chamaram aquilo de **“Pequeno Stalingrado”**.  
 Os italianos chamaram de **sobrevivência**.

### **Ruas de pedra e sangue**

Os tanques do **1st Canadian Infantry Division** tomaram posição no centro da cidade. O avanço final foi lento, casa a casa, esquina a esquina. Não havia mais estratégia milagrosa — **apenas persistência**. Foi uma guerra feita com **mãos sujas e coração teimoso**.

Quando a bandeira nazista foi derrubada do alto da prefeitura, ninguém comemorou com gritos. Ninguém ergueu armas no ar. **Não havia clima para heroísmo teatral**. Só houve silêncio… depois **choro**.

Velhos saíram das adegas. Mulheres abraçaram filhos que ainda tremiam. Famílias emergiram da escuridão. Alguns olhavam os soldados aliados como se fossem lendas. Outros, com medo de ser mentira.

Mas era verdade. **Eles estavam livres.**

### **O preço da liberdade**

Os relatórios militares diriam depois:

* **2.339 baixas canadenses**
* **Centenas de mortos civis italianos**
* Cidade **arrasada** pela batalha urbana
* O inimigo, expulso

Mas nenhum relatório falaria dos **não oficiais**:

* Das cartas nunca enviadas
* Dos nomes sem túmulo
* Dos homens que seguraram a linha sem farda e sem medalha
* **Da resistência que ninguém escreveu**

Lorenzo se manteve perto do portão sul, agora livre. Todos os que tinham sobrevivido do bosque estavam ali, formando um **círculo quebrado**, um pedaço de história que nunca teria foto oficial. Marco não estava. Nadine não estava. Enzo também não.

Julian estava **no alto do bosque**. Lorenzo o levou de volta. Carregou ele com seu próprio casaco. **Não deixou nenhum alemão tocar nele depois disso.**

Ele enterrou o amigo olhando para Ortona — como se devolvesse ele para casa.

### **E James?**

Depois da batalha, **James não ficou**. Quando a guerra termina para alguns, continua para outros. Ele regressou com sua unidade. Sem discursos. Sem entrevistas. Levou os mortos com ele — **por dentro**. Miller. Os recrutas que treinou e não viu crescer. Os que ficaram na lama.

Lorenzo viu ele partir.

Nenhum dos dois levantou a mão. Nenhum disse adeus.

Mas havia algo entre eles **que não existia antes**: respeito. Não amizade. **Algo mais sólido.**

Ortona não ganhou estátuas daqueles homens.

Mas ganhou algo maior:

**tempo.**

Tempo para voltar a ser casa. Tempo para reconstruir. Tempo para lembrar.  
 Porque quando um povo perde tudo, **memória é o que o faz continuar.**

E ali, naquele fim de dezembro de 1943, alguém escreveu na parede de uma casa destruída:

**"Sobrevivemos. E isso basta."**

# **Capítulo 18 – Epílogo: 2025**

Canadá – 2025.  
 Uma escola qualquer. Um corredor branco, cartazes coloridos, sinal eletrônico chamando alunos para as salas. Era dia de apresentação de história. Tema: Segunda Guerra Mundial.

A turma do 7º ano se reuniu na biblioteca. Um projetor brilhava na tela. No quadro, escrito em letras grandes:

**A Batalha de Ortona – A Vitória Canadense**

A professora falava com entusiasmo:  
 — Em dezembro de 1943, soldados do Canadá enfrentaram forças alemãs na Itália na famosa Batalha de Ortona. Foi uma das batalhas urbanas mais brutais da guerra…

Enquanto ela falava, um dos alunos — um garoto quieto no fundo da sala — folheava um livro de história. Ele não prestava muita atenção até que uma foto chamou sua atenção.

Era pequena. Preto e branco. Soldados sujos de barro e fumaça, sorrindo exaustos perto do que parecia uma floresta. Um tanque Sherman atrás deles. Mas o que chamou a atenção do garoto não foi isso.

Foi o homem no canto da foto.

Não usava uniforme canadense. Nem americano. Nem britânico. Usava roupas civis. Olhar duro, barba por fazer. Ao lado dele, dois outros homens — também civis. Italianos.

E atrás deles… o bosque.

O garoto levantou a mão.

— Professora… quem são esses aqui?

Ela se aproximou, olhou a foto e respondeu:  
 — Ah, provavelmente civis italianos ajudando com suprimentos. Não foram identificados.

— Mas… — insistiu o garoto — eles estão na linha de frente. Eles lutaram também?

O garoto olhou de novo a foto.

Na borda inferior, havia uma palavra escrita à mão, talvez pelo fotógrafo:  
 “Bosco.”  
 Bosque.

Antes que pudesse interpelar mai a professora sorriu com simpatia

— A história registra os exércitos. Nem sempre registra todas as pessoas envolvidas. Alguns só… somem entre as páginas.